

Dossiê música e cena do Théâtre du Soleil

Apresentação do Dossiê Música e cena do Théâtre du Soleil

Marcello Amalfi

Doutor em Artes pela Universidade de São Paulo, com estágio doutoral na Sorbonne Nouvelle Université Paris 8. É afiliado a várias instituições internacionais, como a ARTA (Ass. de Recherche des Traditions de l'Acteur, Paris, Fr.); CIR-RAS (Center International de Réflexion et de Recherche sur les Arts du Spectacle, Paris, Fr.), APEB (Association of Brazilian Students and Researchers in France), and IFTR (International Federation for Theater Research, NY, USA). É também membro fundador da AURORA, – Pôle de recherche Théâtrale (port-aurora.com). É professor em cursos de pós-Graduação no Centro Universitário de Belas Artes de São Paulo, maestro e coordenador do projeto Pop Choir na Associação Cultural Inglesa do Estado de São Paulo. Desde 2011, estuda o trabalho de Jean-Jacques Lemêtre, tornando-se seu assistente e tradutor oficial no Brasil. Essa relação apoiou a pesquisa de Amalfi desde o mestrado sobre o trabalho do músico no Théâtre Du Soleil, publicado como um livro intitulado A MACRO-HARMONIA DA MÚSICA DO TEATRO, o primeiro livro originalmente escrito em português sobre a companhia, que levou a um convite para uma palestra no Cirras (Paris) em 2016, e hoje está incluído na bibliografia oficial da trupe e também em seu site. Para mais informações: maestroamalfi.com

A intensificação cada vez mais evidente da presença de música e de sons em processos de invenção e realização de espetáculos impõe, inequivocamente, uma correlata expansão nos campos de interesse, atuação e pesquisa teatral. Nesta perspectiva, a elaboração de um dossiê abordando a música e a cena do Théâtre du Soleil se apresenta como uma excelente oportunidade para contribuirmos de forma positiva na construção desta área de estudos.

Surgida em um processo de criação totalmente gestado no interior de uma companhia teatral, conjugado com os processos de criação das cenas e demais elementos do espetáculo, a música do Théâtre du Soleil é identificada há décadas como um dos pilares da produção artística da referida trupe. Estudiosos como Georges Banu nos chamam a atenção para a sua importância:

Jean-Jacques Lemêtre se impôs como “O outro centro” dos espetáculos do Soleil, cultivando uma relação constante com Ariane Mnouchkine, porque, juntos, desenvolvem duas linhas de força que se entrelaçam. A partir deste entremeio, o Soleil faz sua marca identitária. O músico participa da elaboração do espetáculo, se constitui como parceiro dos atores, impõe-se como presença visível à borda do palco, sempre cercado pelos instrumentos mais improváveis que, ao soarem juntos, parecem delinear a cartografia do mundo. (BANU, Georges in LONGUENESSE, Pierre. *Jouer avec la musique: Jean-Jacques Lemêtre et le Théâtre Du Soleil*. Paris: Actes Sud, Março 2018. p. 5)

A própria Mnouchkine constantemente sublinha a importância da música nos espetáculos do Soleil:

Não se pode esquecer, pois ele é fundamental, o músico, que tem cumplicidade com os atores. A criação musical é o domínio de Jean-Jacques Lemêtre. O que ele faz convém tanto que é extremamente raro que eu tenho que lhe pedir mais alguma coisa. Pode acontecer,

mas é raríssimo. Jean-Jacques está aí, o tempo todo, desde a primeira hora de ensaio até a última. [...] No Théâtre Du Soleil, A música é extremamente importante. Tenho plena consciência que nossos espetáculos são espetáculos musicais, desde a chegada de Jean-Jacques, desde os Shakespeares, digamos. É um trabalho muito importante e não é nem um pouco música de cena: Jean-Jacques... está na cena. Quando os atores tem uma visão, eles vão encontrá-lo e lhe contam onde se passa a ação, o que vai acontecer. E ele, acredito, faz duas ou três perguntas: “É dia ou noite?” Quando a improvisação é bonita, há uma espécie de milagre que faz com que a gente tenha a impressão que Jean-Jacques assistiu toda a preparação e, sobretudo, os atores sentem que as três frases anódinas que eles lhe disseram se tornaram poesia. A música faz com que, mesmo quando a atuação é muito simples – no fundo, poderia cair no realismo – haja uma espécie de fio bem esticado no qual todo mundo fica na mesma tonalidade: há o céu, o mar, os pássaros, há o diabo e os infernos, há, na música, tudo aquilo que os atores precisam para ficar na imaginação do real, mas não no real em si. (MNOUCHKINE, Ariane, in PICON-VALLIN, Béatrice. Ariane Mnouchkine. / Introdução, escolha e apresentação dos textos por Béatrice Picon-Valin. – São Paulo: riocorrente, 2011. 132 p. ISBN 978-85-65176-02-06. p.47)

Iniciamos este dossiê com a seção JEAN-JACQUES LEMÊTRE: MÚSICO DO TEATRO, onde abordamos poéticas e práticas musicais que vêm sendo desenvolvidas pelo compositor desde 1978 na sede do Théâtre du Soleil, na Cartoucherie de Vincennes em Paris, e difundidas através dos cursos e workshops que ele ministra nos quatro cantos do planeta. Para além de uma fixação isolada na gramática de sua linguagem, é nosso intuito chamar a atenção para uma real literatura da música de cena [que pode até ser] escrita sobre as cinco linhas do pentagrama, para que se torne possível, ao assistir um espetáculo da trupe, extrapolar as fronteiras do seu inexorável suporte sonoro, a fim de contemplar as potencialidades estéticas e discursivas que ela patrocina ao integrar a realização cênica. Um verdadeiro estímulo para se “muscular a imaginação”, como diria Lemêtre. Na seção AS COMADRES DE ARIANE MNOUCHKINE observamos como a música ajuda a romper fronteiras geográficas e temporais ao servir de alicerce para a mais recente produção da encenadora, sua primeira direção fora da Cartoucherie. Trata-se de uma interseção entre Brasil, França e Canadá que une presente e passado em um espetáculo de teatro musical (não obstante, sem a participação de Jean-Jacques) que coloca no palco um elenco formado exclusivamente por atrizes brasileiras que cantam ao vivo. A seção é complementada por uma entrevista inédita concedida pela atriz Juliana Carneiro da Cunha, que integra a companhia Théâtre du Soleil desde 1990, e também atua neste espetáculo. Em REFLEXOS SOLARES NO BRASIL encontramos um tex-

to e um ensaio fotográfico sobre um trabalho ainda em cartaz, onde seus autores descrevem a forte influência do contato que tiveram com Lemêtre e sua música em algumas de suas vindas ao Brasil, e como isso influenciou suas decisões artísticas e processuais durante aquele processo criativo. E finalmente, concluímos o dossiê com a seção VESTINDO O SOL, que aborda o traje de cena na companhia francesa, e como a sua elaboração é umbilicalmente simultânea à criação das cenas, da música, do texto e de todas as peças que constituem as montagens da trupe.

É interessante destacar que reunimos aqui exclusivamente colaborações de autores que têm (ou tiveram) contato direto com Jean-Jacques Lemêtre e/ou com o Théâtre du Soleil. Isso faz com que os textos sejam como frutos colhidos diretamente no pomar multi-nacional semeado pela trupe nos seus mais de cinquenta anos de atividade e itinerância. Sem intermediações, sem informações depuradas, sem atravessadores. Por isso, exalam um aroma singular, como aquele que abraça o espectador que adentra os galpões da Cartoucherie de Vincennes numa fria noite parisiense para assistir um dos espetáculos da companhia, não sem antes aquecer o corpo e a alma ao degustar uma sopa divina preparada por Jean-Jacques Lemêtre e servida por Ariane Mnouchkine.

Voilà! Profitez-en!

Att.

Dr. Marcello Amalfi